

ALBORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

3.º Ano—N.º 147

Editor, Abel de Vasconcelos Cardozo

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redacção e administração, Rua da República

Guimarães, 11 de Setembro de 1913

Comp. e impressão, Tip. Minerva Vimaranesa

O QUE EU PENSO

O problema da habitação

Eis aqui um dos problemas que mais preocupam actualmente a população das cidades, não só de Portugal como de muitos outros países.

Ainda há poucos dias o diário parisiense «L'Humanité», num extenso artigo repleto de considerações valiosíssimas sobre o assunto que hoje nos prende a atenção, se revoltava contra os que, podendo pelos seus meios de fortuna mandar construir prédios confortáveis, onde a higiene fosse um permanente preservativo contra doenças que se contraem nas habitações acanhadas e lóbregas em que muitos e muitos vão, a final, encontrar a morte, dão aos seus capitais um destino bem diferente, sem que muitas vezes possa afirmar-se que da colocação que preferem para as suas economias lhes advenha um lucro certo e tão grande como desejariam que fosse.

Dêste modo, a capital francesa, cuja população, nestes últimos vinte anos, tem recrudescido por forma que se nos afigura extraordinária, atendendo a várias circunstâncias que não vem para aqui, vê-se a braços, como nós, com uma extrema e funesta dificuldade: falta, quasi absoluta, de prédios que não sejam excessivamente caros e estejam em condições higiénicas tais que obstem à propagação de certas doenças de character infeccioso e de difficil localisação.

No artigo de que vimos falando há alusões emocionantes, reduzidas a números e portanto sem character de vagas mas certas e determinadas referências, para demonstrar que, nos tugúrios infectos que a parte pobre da população parisiense habita, reina com desassombro pertinaz e terrificante a tuberculose e toda a série de doenças que fazem capitular, a breve

trecho, a vida que mais esperanças dê de prolongar-se por dilatados anos. E, concluindo, o articulista apela para a intervenção oficial, clama energicamente por ela na simples e humana intenção de conseguir que as classes desprotegidas da fortuna encontrem, ao menos, uma habitação salubre, lavada de bom ar e de bom sol, onde repousem da ardúa fadiga quotidiana que lhes garante o pão.

Decididamente faliu entre nós a iniciativa particular para solucionar problemas como o da habitação. Para êste fim retrairam-se os necessários capitais, que vão derivando, como que à porfia, para outros empreendimentos que se reputam mais lucrativos. E porque assim é, indispensável se torna que nós os portugueses, não por servil espírito de imitação dos franceses, mas antes por cruel e inevitável afinidade com a sua sorte no tocante ao desconforto da habitação, reclamemos a altos brados a intervenção oficial a fim de que esta nos preserve do grande mal que nos afflige.

Compreendêmos — e bem! — quantas exigências se fazem, quantas dificuldades surgem, principalmente aos corpos administrativos locais, quando se lançam em empreendimentos como o da construção dos chamados bairros operários. A terapêutica oficial, entre nós os portugueses, segue o sistema dosimétrico, de modo que a cura dos doentes, que a ela se vejam forçados a recorrer, prolonga-se exageradamente, e êste tratamento só a muito custo deixará de adoptar-se... talvez porque o Seguro morreu de velho...

Além de que, outras dificuldades de origem extra-oficial são causa às vezes de sério estorvo à

realização de obras de tam largo alcance.

Entanto, visto que o mal existe, cumpre que um supremo esforço se empregue para o debelar.

Solucione-se, na medida do possível, o problema da habitação e ponham-se de lado outros problemas que podem, comparativamente, considerar-se de secundária importância.

Ele, êsse problema, é dos que reclamam toda a atenção por parte de quem superintenda nos negócios administrativos duma localidade. Para o comprovar seria necessário ocupar muitas colunas, mas estamos certos de que, lidas elas, o leitor mênos propenso a emoções fortes acabaria por se decidir, movido por elas, a fazer côro comnôco. E' que a exposição que fizemos sobre a falta de ar e de luz a que está condenada tanta gente por absoluta carência de habitações confortáveis, higiénicas e de preço acessível, daria ao leitor mais indiferente uma dolorosa impressão e convencê-lo-ia de que há quem se dê ao luxo de dizer que vive, quando o certo é que vegeta e o mais miseravelmente que possa imaginar-se.

Serafim Rodrigues.

ECOS

Fraudes?

Esboçam-se queixumes das bandas de Vizela quanto à maneira como perante o Juiz de Direito da comarca foram julgadas as reclamações de alguns eleitores. — Que houveram exigências pouco edificantes, dizem.

Não temos, nem tam pouco nos foram oferecidas provas de que essas exigências estejam fora da lei. Nada há, portanto, que verberar — até ver. Sómente aproveitando o lance da referência, queremos manifestar o desejo de que nenhum acto do recenseamento deixe causa para reparos, pois devemos ter sempre em vista que é a nós, republicanos mais velhos, que cumpre oferecer exemplos — se não quisermos amanhã ser vítimas dos resultados da nossa própria obra, e, o que é peor, sem direito a protestos...

Administração

Numa conferência feita no Porto por um autorizado contabilista, foi afirmado «que o sr. dr. Afonso Costa, tem, com uma tenacidade e energia dignas de nota, defendido os interesses do Estado, de modo que pode servir de exemplo futuro a sua administração».

Esta opinião tem êste duplo valor: ser feita por quem sabe e por vir dum adversário político. Registe-se.

Pelas crianças

As comissões paroquiais de Lisboa continuam na sua acção humaníssima e patriótica de proteger as crianças pobres.

Também consola recordar que a nossa primeira Câmara, constituída por cidadãos republicanos, não descurou êsse belo empreendimento.

Para o testemunhar basta ver essa instituição que se chama — a Cantina Escolar Vimaranesa, bem assim êsse generoso e largo subsídio para banhos a crianças pobres.

Consola recordar êste espirito de fraternidade dispensado pelas juntas e câmaras — e que só a República parece soube inspirar mais intensamente.

A Penha

Lemos, cá ao longe, os permutados brindes que num almoço oficial e em dia festivo, se fizeram na Penha e pela Penha.

Brindes feitos naquele efusivo entusiasmo que bem sente todo aquele que quer muito à sua terra, nenhuns podiam comover mais o nosso coração de bairristas que os que foram pronunciados por quem, sendo de longe, fez todavia promessa de oferecer o seu ombro para a causa dos melhoramentos a fazer nessa montanha de ingénita beleza.

Que êste facto, oferecido por estranhos, sirva a encorajar os de casa — principiando por conservar na Comissão quem dela nunca devia ter saído...

Pevidém

O crime de assassinato que nesta laboriosa povoação se acaba de dar, é o reflexo de muitas e constantes desordens que nos seus tascos e curvas de caminho é costume velho perpetarem se, a miudo.

Porque essa gente seja gerada de maus instintos? Não.

A causa é que se trata dum centro fabril, muito populoso, e onde o operário, sem instrução, faz club da taberna.

Ofereçam-lhe escolas com um exercicio escolar permanente, — coisa que não tem — e, logo que a guarda nacional se organize no concelho, seja o Pevidém a primeira povoação que a mereça.

Só por tal forma ali se poderá viver sem sobressaltos e riscos.

As manobras

Foi uma prova militar de muito alcance aquela que o exército português acaba de realizar — afirmam-no os profissionais.

Surge, porém, quem dê mais relevo à parada do Bussaco, realizada antes da República, porque, diz, aí os soldados tinham mais uniformidade na maneira de calçar e de vestir.

Triste confronto! Até parece o diagnóstico dum... fornecedor do Exército.

Além do espectro solar

Os limites, dissemos, mas será porventura exacto o termo?

Porque os nossos olhos, insensíveis às vibrações do som ou à onda electrica do telegrafo sem fios, não o serão também a outros raios talvez existentes além dos limites visíveis do espectro?

No fim do seculo XVIII.º, o astrónomo Herschel, que estudava o espectro solar, lembrou-se de passar um termómetro em frente de cada umas das côres. Surpreendido, verificou que o termómetro, insensível ao violeta, subia pelo contrario à medida que o aproximava dos raios vermelhos... E, fenómeno mais estranho ainda, uma vez passado o vermelho e quando chegava à região escura, o mercúrio continuava subindo! Havia, pois, outros raios, invisíveis, mas quentes, como os seus vizinhos do vermelho visível, e portanto incontestáveis: são os raios «infra-vermelhos».

Que haveria no outro extremo do espectro?

O sueco Scheele depressa respondeu. Aos raios azuis e violetas do espectro, sem acção colorifica sobre o termómetro, reconheceu certa propriedade ainda mais extravagante: uma acção «química»! Expondo o cloreto de prata à sua luz, viu que êste sal escurecia e se decompunha em outros sais (daqui viria mais tarde o principio da fotografia)... Mas eis que o sábio, interrogando como Herschel a região sombria do espectro que fica para além do violeta, notou que, ali também, o sal se decompunha! Dúvida alguma, portanto, de que além dos raios violetas visíveis, e gosando como êles dum poder quimico, outros raios havia, imperceptíveis a nossos olhos, mas certos: os «ultra-violeta»!

A seguir a êstes descobrimentos, as investigações scientificas multiplicaram-se por causa da «luz invisível» que, a uma das extremidades do espectro, produzia calor e na outra extremidade tinha uma acção quimica. Na verdade, sobre os raios infra-vermelhos pouco sabemos ainda, o que não acontece com as radiações ultra-violeta, pois é no mundo invisível dos ultra-violeta que encontramos todas estas maravilhas: raios X, raios catódicos, raios N, raios do radium e dos corpos radio-activos, raios das lâmpadas de mercúrio, etc., que se propoem revolucionar todas as sciencias.

DA NOSSA TERRA

DE VIAGEM

Eu juro que viajei um dia, por um Agosto de oiro e flôres, de riba-Vizela à Trofa, com as autênticas *Pupilas do Senhor Reitor*, a Margarida e a Clara, na companhia veneranda do Zé das Dornas.

Era um domingo, e um desses dias lustrados e calmos do nosso Minho, em que parece mostrarem-se, como a passagem triunfal do Sol, no espaço os panos mais frescos e mais azuis, e na terra as rosas mais inquietas e mais vermelhas. Realizava-se nesse dia a romagem da Senhora das Dôres, na Trofa.

De estação para estação a onda dos camponeses augmentava, primeiro cantando, quando o comboio vinha a chegar, embandeirado pelos maquinistas; depois precipitando-se sobre as carruagens, ao encontrão e em gritos, numa balbúrdia imensa de figuras ricas, de cestos erguidos, de ralhos, de más palavras. Eu ia só numa 1.ª de estofos moidos e rendas caídas. De *gare em gare* e como um dique, tinha que colocar-me de sentinela à portinhola, para assim obstar a que, de um momento para o outro, essa onda de povo simplório e pesadão me conquistasse o reduto, pisando-me e confundindo-me sob a rude crosta da sua expansibilidade. Em Vizela deu-se isso: gritei, sacudi-os como pude. Mas logo a diante, num apeadeiro alpestre, marcado entre carvalhais e tojo, tive que lutar de novo, e agora com a *autoridade dos comboios*, o revisor, que me intimava, imperativo:

—V. ex.ª tem que dar lugares a este povo, visto não termos mais carruagens.

—Não, senhor.

—Mas v. ex.ª bem vê que este povo não pode ficar aqui.

—Sou da mesma opinião. Reveja-lhe v. ex.ª os bilhetes e procure a classe em que devem embarcar.

—Perdoe v. ex.ª... Os bilhetes são de terceira, mas as carruagens dessa classe estão cheias.

—Nesse caso já v. ex.ª sabe o que deve fazer: é atrelar.

—Mas v. ex.ª não ocupa mais que um lugar, e nessa carruagem, portanto, estão sete lugares devolutos.

—...para passageiros de 1.ª classe—acrescentei. E logo, com mais alma—v. ex.ª tem obrigação de o saber. Todavia, se lhe apraz ocupar o compartimento com todas essas pessoas... faz favor, devolve-me o dinheiro do meu bilhete para Lisboa, e eu saio.

O revisor abateu então, negro de ódio; e creio que me chamou, por entre os dentes, estúpido ou outra coisa mais feia. Gostei. Mas, direito à janela do meu compartimento, eu sentia-me inexpugnável, superior a esse animal tostado e de bigodes hirtos, que ali representava, com o prestígio bem nacional dos galões, de si tam crónico como uma carta de bacharel, a afronta e a autoridade nos caminhos de ferro...

—Bem, ande o comboio... ordenou—para diante, numa atitude resignada e tam familiar como quem, dentro de sua casa, pede para a cosinha, à creada, o bife do almoço.

Impertigado à janela, vi abalarem dali todos os camponeses. Iam a modo de tristes, coitados. Mas na cauda desse rumoroso ajuntamento, do qual nem a terça parte dos populares caberia naquela carruagem, enchergei de acaso, dando o braço a duas fortes mças do campo, um velho lavrador, suíças murchas e quinzena azul de castor, que me olhava com olhos de simpatia e piedade, na intenção de querer dizer-me:

—Eu... enfim... era só eu e estas mças!... Vossa senhoria tem razão; lá isso, um home não pode ir contra o que é principal e na verdade. Mas eu... enfim, como o outro que diz... era só eu e estas mças, pouco ocupávamos. Não que era, sim senhor... Mas... enfim, olhe senhor, paciência... Um home...

Sorrimo-nos um para o outro. Fiz-lhe sinal, o velho deu sinal, e logo a portinhola se abriu para os três.

—Não que então muito agradecidos; Deus dê saúde a vossa senhoria! Entrande, mças, entrande, que este senhor dá licença.

—Com sua licença—disse uma. E a outra, com uma venia:—Agradecida.

Bati a portinhola.

O pobre velho, então, pôz-se a pensar, hesitante, se podia ou não, para limpar o suor, colocar o chapéu sobre o estofos. Que não fôsse aquilo, ali, ser proibido... pensava êle. Eu apressei-me a rogar-lhe que estivesse à sua vontade, que podia colocar o chapéu e tirar mesmo o casaco, se lhe aprouvesse. Ao que êle me respondeu, num sorriso de grande agradecimento:

—Ah! lá isso não, não se faz minga, agradecido.

Sentamo-nos todos, e o comboio começou então a rodar.

Passados uns minutos, si! como as árvores corriam contentes! Jocirava o sol lá fora, viçoso e novo, que era uma alegria pelas veredas colmadas de aipo, redopiadas de eiras, acasteladas de pinheirais.

—Ah! belo dia, belo dia, sim, senhor!—confessava o velho, sorripiando ao bolso do colete um cigarro brejeiro.

As filhas moveram-se, contentes, embalando com graça e prazer os seios fartos, sob os lenços de floco, trespassados.

—Vossa senhoria, se eu não sou curioso, vai também às Dôres, lá prá Trofa—proseguiu o velho, abrindo conversa.

—Não, meu caro senhor, vou para diante, para muito mais longe... —respondi, entristecendo, dessa resposta triste.

—E' que eu, e aqui as minhas cachopas, vamos pra lá.

—Estas meninas são suas filhas?

—...E criadas de vossa senhoria, pois *antão!*

—Muito obrigado.

—*Antão* vossa senhoria, pelos modos, é daqui destas bandas.

—Sou. E o senhor?

—De Batoucos, aqui de perto. Onde lá está uma casa às suas ordens.

—Muito obrigado.

A essa altura já a conversa do lavrador me fatigava. O meu prazer não era a prelenga do velho camponês, riscando o fósforo na ponta do sapato e subindo-o, entre as mãos em concha, ao cigarro de folha de palha. Não, não era êle. Sentado, quasi estrado sobre o estôfo, e voltando-me agora às árvores que corriam mais e mais, batidas pelo sol fresco e contente da manhã, o meu prazer consistia na presença dessas duas outras figuras de romagem, belas estátuas carnis de olhos doces voltados para a terra doirada, que tanta frescura, tanto brilho e tamanha voluptuosidade punham, com um sereno olhar inalterável, nos meus cinco cubículos, desinquietos sentidos.

Para serem «do campo», bem da terra forte que as criara, tudo sobre os seus corpos em flor tomava a frescura e a graça envolvente das flôres. Atrépassados sobre os grandes seios de fecun-

das, os seus lenços côr da cana, com floco, coloriam-se de onde em onde de indistintas flores es-carlates, de que as largas folhas verdes de malva, disputando a beleza e a primazia das côres, fechavam galhardamente cada um ramilhete. Lançados na aba, a modos de colgadura, os fartos aventais brilhantes, de veludo, rematavam com uma barra luzente, em rosas, de vidrilhos negros corridos à linha. As suas saias largas, armadas em arco sobre as ancas fortes e roliças, eram azuis e crespas, abundantemente azuis, e cercadas ao rez da barra dum longo, felpudo, luzente friso de pele negra de lontra. Oiros em flores e em votivas cristãs colgavam-lhes o peito ondeado sobre

a camisa de linho fresco, que ainda se mostrava nas duas mangas devassadas com pronunciados perfumes das estêvas nasarias. E sobre êsses oiros e essas flores, erguendo-se suaves da multidão de colorido que os abrazava, o rosto duma, porventura a mais franzina, era moreno, dum moreno quente de bronze com brilho; o da outra, a mais forte, a mais bela sem dúvida, rosado e fresco, em que as sardas punham pequenas manchas de oiro em redor dos grandes olhos de amendoa, castanhos.

(Continúa.)

Alfredo Guimarães.

A Mesa do Hospital da Misericórdia foi substituída por uma Comissão Administrativa

A sua primeira medida será, decerto, organizar o pessoal de enfermagem à face da lei anti-congreganista

Pela autoridade superior do distrito foi dissolvida a Mesa do Hospital da Misericórdia e nomeada uma Comissão Administrativa para a substituir.

Não devemos ocultar que este golpe de demissão, sendo inesperado, produziu, como só era natural, certa estranheza —tanto mais que êle atingia a nova Mesa que havia tomado posse ainda há poucas semanas.

¿O que se passaria de extraordinário que reclamasse uma tal atitude por parte da autoridade?

Foi nesta ordem de conjecturas que do público se tornou conhecido o facto que motivara o anormal acontecimento, ou fôsse a circunstância de estarem ao serviço do hospital 12 «irmãs» e não 3, conforme a lei anti-congreganista determina.

Esta novidade, como já aqui escrevemos, não era novidade para ninguém —nem mesmo para o ex-governador do distrito sr. dr. Manuel Monteiro. O superabundante número do pessoal, laicizado é certo, mas ainda prêso a votos congreganistas, já à data da posse dada à Mesa, agora dissolvida, ali estava.

Este pormenor julgámo-lo importante para derimir responsabilidades e promover sentenças, e é por isso que nós queríamos que as coisas se tivessem passado assim: A autoridade administrativa, sabendo que a lei anti-congreganista não era respeitada no Hospital da Misericórdia, chamava ao seu gabinete a Mesa respectiva e, mais ou menos por estas palavras, dir-lhe ia:

—«Os senhores sabem que eu, como representante que sou da República, neste conselho, tenho de velar pelo cumprimento integral das suas leis e, nestas condições, sabendo que a instituição que os senhores representam, não

obstante a larga tolerância que aos seus antecessores foi concedida, ainda até hoje não substituíram o pessoal congreganista superabundante, cumpre-me participar-lhes que estou disposto a não permitir por mais tempo o prolongamento de tal situação. Atendendo, porém, à circunstância de que não poderão os senhores, sem serem culpados da situação que herdaram, resolver, logo de entrada, este problema, que é a mutação do pessoal, comunico-lhes que de acordo com o chefe superior do distrito lhes é concedido um prazo para regularizarem a situação do mesmo, de acordo com as leis do país.»

Feita esta notificação, a nova Mesa do Hospital da Misericórdia tinha diante de si este dilema: ou resolver o assunto por si, depois de prévia comunicação à assemblea dos «irmãs», ou então, se não quisesse ou não soubesse resolvê-lo, restava-lhe um único caminho, que era depor nas mãos da autoridade o encargo da sua solução.

Era nesta altura, e só nesta altura, que a proposta duma Comissão Administrativa se tinha que aceitar, visto que, repita-se, o motivo alegado e oficialmente conhecido, representava mais tolerância que abuso, mais falta da autoridade que da Mesa. Esta é que é a verdade.

Não se tendo procedido desta maneira praticou-se um erro de má tática, pois tinha-se chegado ao mesmo resultado com a vantagem de não agravar ninguém.

A Mesa dissolvida podia não merecer as simpatias gerais; podia não estar bem seleccionada; podia até, se quiserem, ser composta de adversários confessos da República, mas não pesava sobre ela nenhum acto, erro, ou culpa pa-

ra que merecesse a afronta duma demissão oficial e colectiva.

Sendo êles, como eram, os continuadores duma situação por outros transmitida, justo parecia que, em primeiro lugar, fôssem coagidos ao cumprimento da lei.

Tal como as coisas se deram, praticou-se uma violência, e violência tanto mais desagradável quanto é certo que podia, com um pouco de senso, ter-se evitado.

Francamente o dizemos: não concordamos! Atitudes de semelhante ordem deixam sempre precedentes funestos, pois todas as atitudes de força que não trazem a justificá-las um fundo de justiça, deixam sempre supor, e com direito, que ou obedecem a um pensamento de birra mesquinha e pessoal, ou então que se pretende fazer política de partido, à velha moda.

Qualquer das duas suposições são sempre geradas, com razão e sem razão, com fundamento e sem fundamento, muitas vezes até mesmo para encobrir desmandos cometidos e pelos quais se tem de responder: mas, se assim succede sempre, grande e maior obrigação teem os que julgam e os que dirigem, de não fornecer pretextos nem proporcionar situações equívocas que sirvam a fazer levedar essas reservas da opinião cega e maldosa.

Depois, se há instituições que se não compadecem com tricas dessa espécie—é o Hospital da Misericórdia. Afastemos para longe todas as dissensões que possam prejudicar a sua administração—administração que só pode e deve ser feita por quem ofereça maiores garantias de competência e de honestidade. Tudo o mais... deve ser pôsto fora, por pernicioso e anti-social nos seus resultados.

Rematando, cumpre à actual Comissão Administrativa, que em circunstâncias tam especiais foi nomeada, contribuir, por actos da sua gerência, para o desvanecimento duma má impressão que porventura a sua anuência haja inspirado na opinião pública, ao mesmo tempo que fazemos votos por que êles resolvam o problema do pessoal de enfermagem à face da lei anti-congreganista, visto que foi essa a causa, aparentemente legal, da sua nomeação extra estatutária e anormalíssima.

Cinematógrafo

Domingo as fitas de grande sensação no cinematógrafo à rua de Gil Vicente: *Fuga da ala Rocha*, (drama); *Maximiliano professor de Flauta*, (cômica, 400 metros); *Voz dos sinos*, (drama, 600 metros).

Descanço das farmácias

Está aberta no próximo domingo a farmácia Cunha Mendes.

REPORTAGEM

A comissão distrital, na sua última sessão, aprovou a deliberação da Câmara Municipal de Guimarães sobre o projecto e orçamento para a aquisição do mobiliário para o posto da guarda nacional republicana.

De passagem para Vizela, esteve no domingo passado entre nós o sr. ministro da guerra.

Os empregados de comércio, desta cidade, realizam no dia 14 do corrente, na vila de Santo Tirso, o jantar comemorativo do 12.º aniversário do encerramento convencional dos estabelecimentos ao domingo.

A partida efectua-se às 13,20 e o regresso é às 20,31.

No passado domingo foi assassinado, no Pevidém, Joaquim Fernandes, por Manuel Fernandes, devido a andarem já há tempos em desavença por causa dum roubo de galinhas que, segundo nos informam, foi o assassinado quem descobriu ser o auctor de diversos roubos efectuados naquella importante povoação.

O assassino foi preso bem como sua mulher.

FALLECEU o sr. António Fernandes, proprietário, da freguesia de Travassos, irmão do sr. José Martinho Fernandes, com padaria à rua 5 de Outubro.

Os empregados de comércio vão oferecer ao regente da Nova Filarmónica Vimaranesense, sr. Joaquim Guise, uma medalha de ouro.

O cinematógrafo, à rua de Gil Vicente, continúa dando aos domingos estreias de grande sensação.

A colheita do vinho neste concelho, principia por todo o mês corrente.

O S. Miguel está à porta. Aviso aos retardatários.

Das escolas de repetição chegou no passado domingo a esta cidade, pelas 11 horas, o regimento de infantaria 20.

No Largo de D. Afonso Henriques está-se procedendo à instalação subterrânea da luz eléctrica.

O prolongamento da estrada que da Costa segue para a Penha, continua activamente.

O sr. José Marques Coelho, condoído da crise que atravessam os operários da indústria de costuras, mandou entregar à Associação dos Cortidores e Surradores a quantia de 207 escudos.

No liceu desta cidade está afixado um edital para a matrícula dos alunos que no próximo ano lectivo frequentem aquelle estabelecimento de ensino.

O praso para requerer a matrícula principiou ontem e termina no dia 25 do corrente mês.

De Aveiro regressou a Braga o sr. dr. João Soares, governador civil do distrito.

Horário dos combóios

Oferecemos hoje aos nossos assinantes, confeccionado de modo a poder satisfazer às suas essenciais necessidades de viagem, um novo horário, que, se não é perfeito, procura ser explícito e simples, tanto quanto o permite a boa vontade em meio das dificuldades em trabalho tão complexo.

Federação das Associações Operárias de Guimarães

Sob a presidência do delegado dos Alfaiates, secretariado pelos delegados dos Marceneiros e Indústria Textil, reuniu na passada terça-feira, pelas 20 horas, a Federação das Associações Operárias.

Depois de lida e aprovada a acta da sessão anterior foi presente aos delegados a importância dos donativos com que já algumas Associações tinham contribuído a favor dos grevistas da Fábrica do Conde da Ponte, de Lisboa, na quantia de 6250.

Foi lido um officio da Associação de Classe dos Cortidores e Surradores, aguardando nova resolução da mesma Associação.

Idem, dos operários do Pevidém, (sócios da Associação da Indústria Textil, desta cidade,) sobre a carestia do milho; resolvido reclamar da Câmara o pedido.

Foram distribuídos cartões de identidade aos delegados.

A Federação finalizou os seus trabalhos às 22 horas.

Movimento do Registo Civil no concelho de Guimarães, desde 1 de Janeiro a 11 de Setembro de 1913.

| | |
|---------------------------------|-------|
| Registos de nascimentos . . . | 1.437 |
| » » óbitos | 1.019 |
| Saldo a favor | 418 |
| Registos de casamento | 151 |

Licenças para caçar

Em harmonia com o art. 7.º n.º 1.º da lei de 7 de Julho findo, foram passadas licenças para caçar aos seguintes cidadãos:

Domingos Ribeiro de Sousa Agra, João Baptista de Freitas Ribeiro, José Caetano Pereira, Alberto Costa, Manuel Pires Maciel, dr. Pedro Pereira da Silva Guimarães Junior, António Alves de Freitas Torres, José Francisco de Castro, António de Pádua da Silva Cardoso, Francisco da Silva Guimarães, Eduardo de Freitas Ribeiro, João Alves de Freitas Torres, Guilherme José Cibrão, Domingos Ribeiro Martins da Costa, Domingos Freiria, Manuel Alves da Costa Pinto, Gaspar Ribeiro da Silva e Castro, Joaquim de Sousa Pinto, Jaime Pinto, Joaquim Ribeiro da Silva, José António dos Santos Guimarães, José Gomes de Oliveira Neves, António Cerqueira Belino, Francisco Ribeiro Martins da Costa, Avelino Garcia de Sousa, José Salgado, João Ribeiro de Faria, Domingos Rainha, Manoel José Ribeiro de Abreu, Angelino António Rodrigues, Gaspar Lobo de Sousa Machado, Abílio Fernandes Guimarães, Padre José Antunes, José Ribeiro de Abreu, Eduardo Leite de Faria Machado, José de Freitas Ribeiro de Faria, Adriano Machado Dias de Carvalho, José Fernandes Ribeiro, João de Oliveira, Padre José Gonçalves de Araújo, Júlio Diniz Bezerra do Rego Cardoso, António José Ribeiro, Francisco Novais, José Pinto, José António Fernandes da Rocha, Herculano Moreira de Sampaio e Castro, Ilídio Correa, José Ribeiro da Mota, Manuel Joaquim Gomes, Amândio Alves de Melo, Francisco da Silva, João José Ribeiro de Abreu, dr. Amadeu Vitor de Miranda Monteiro, Lourenço Fernandes, dr. Fernando de Albuquerque Dias, João Machado Dias de Carvalho, João Fernandes, Luis Alves de Freitas, José Maria Dias Machado, Manuel Arnaldo de Castilho e Albano Moreira de Sampaio e Castro.

A cabeça e o coração

Madalena tinha dois pretendentes: Félix, mundano, bem feito, insulso e presumido.

Frederico, simples e doce, mas de belos olhos profundos, scismadores.

Madalena reflectira e preferiu Frederico.

Félix, com o pretexto de desespêro amoroso, lançou-se numa vida desregrada. Este facto causou impressão a Madalena. Apesar disso ella devia viver feliz com o ente precioso que se chamava Frederico.

Dois anos se passaram. Nos seus arrebatamentos, Madalena pensava em Félix.

Este voltou.

Tinha-se esgotado em prazeres estúpidos, arruinado em venturas vãs.

Deante de Madalena continuava a representar a comédia de desespêro. Frederico compreendeu, viu que Madalena se deixava seduzir por essas aparências romanescas. Tornou-se triste, mas calou-se.

Neste momento crítico, Madalena imaginou, para conseguir os seus fins, convencer-se de que a tristeza e o silêncio de Frederico provinham d'ele já a não amar, de querer desfazer-se dela, de pensar noutra deixando-a assim indefesa contra os assaltos do antigo pretendente.

E conseguiu finalmente encontrar-se sem fôrças para lutar contra o capricho que a atormentava. Félix triunfou.

Depois dum dia estúpido de adultério, em que ella experimentou, uma a uma, as desilusões da carne e do espirito, deixou, logo que pôde, o fastidioso amante, cheia de vergonha e de remorsos. Agora era necessário voltar para casa.

Se Frederico soubesse?... — Ela tinha dissimulado tam mal, na sua precipitação! Se elle tivesse adivinhado, surpreendido, se elle soubesse? Se ella perdesse agora o amor do único que reconhecia digno de ser amado!

E o seu coração batia. Ao subir a escada foi presa de terror com a idea de que Frederico a esperava para a matar.

Mas, afinal, ella aceitava isso pronta a expiar a sua culpa.

Uma angústia maior, bem mais terrível a oprimia; se, acabrunhado pelo desgosto, elle tivesse fugido, se nunca mais o encontrasse, nunca mais o visse!

Entrou, perguntou à criada:

— O senhor está em casa?

— O senhor entrou há duas horas. Meteu-se no seu gabinete e proibiu que fôsse incomodá-lo.

— Não sabia coisa alguma!

Trabalhava! O querido amor!

Não o tinha perdido!

Empurrou a porta do gabinete.

— Efectivamente Frederico estava lá... enforcado!

Camille de Sainte-Croix.

Tradução da «Alvorada».

Os raios ultra-violeta

Todos sabem o que é um prisma, esse bocado de vidro com três faces que, ferido por um raio solar, projecta um feixe de reflexos multicolores.

O quadro de cores diferentes, cujo conjunto produz a luz branca, é o que se chama o espectro solar. O que nos dá o sol não é uma luz branca «homogenea», são raios de diversas cores, cuja reunião dá a nossos olhos a impressão duma luz branca.

Examinando a disposição das cores do espectro solar, vê-se que, por toda a parte e sempre, essa disposição é a mesma: violeta, indigo, azul, verde, amarelo, laranja, vermelho... O sol não pô doutra forma as cores na sua paleta. Vermelho e violeta, eis os limites do seu espectro.

EDITAL

A Comissão Concelhia de Administração no Concelho de Guimarães:

Faz saber que no dia 13 de Setembro do corrente ano, às 12 horas, na administração deste concelho, são arrendados em hasta pública, sob as bases de licitação abaixo indicadas, os passais e residências paroquiais das freguesias seguintes:

Airão (Santa Maria), 30\$00; Barco, 22\$00; Caldas (S. Miguel), 20\$00; Infias, 12\$00; Mascotelos, 10\$00; Mesão-Frio, 25\$00; Moreira de Cónegos, 7\$00; Oleiros, 16\$00; Oliveira (loja do Cabido), 10\$00; Prazins (Santa Eufêmia), 18\$00; Serzedo, 22\$00; Selho (S. Jorge), 40\$00; S. Torquato, 18\$00; Vermil, 20\$00; Residência de S. Sebastião, 40\$00.

As condições dos arrendamentos acham-se patentes na administração do concelho, onde os interessados poderão examiná-las.

Guimarães, 6 de Setembro de 1913.

O Presidente da Comissão,

Abel de Vasconcelos Cardoso.

José Nunes, empregado no liceu desta cidade, continúa a efectuar matriculas, obtém certidões não só deste liceu, como dos exames do 2.º grau e fornece esclarecimentos a quem se lhe dirigir. Também fornece todos os livros que lhe requisitem.

Colégio de N. Senhora da Conceição

Largo da República do Brazil

(antigo Campo da Feira)

GUIMARÃES

Este antigo e acreditado estabelecimento de ensino para o sexo feminino, que teve no ano lectivo findo 26 aprovações e distincões, em 28 alunas propostas para exame, sendo 11 em 1.º grau, 12 em 2.º e 3 em Português, 3.º ano, reabre no dia 6 do próximo mês de Outubro.

Já se encontra no Colégio aberta a matricula para alunas internas e externas.

Pedir programas e esclarecimentos à sua directora D. Elvira Moreira de Sá e Menezes.

EDITAL

2.ª Publicação

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal deste Concelho de Guimarães:

Faz público que no dia 17 de Setembro, pelas 12 horas, no edificio dos Paços do Concelho e sala das Sessões da Câmara Municipal, recebe propostas em carta fechada para o fornecimento de géneros alimentícios e

combustivel necessários para o Internato Municipal, adjunto ao Liceu Nacional desta cidade, pelo tempo dum ano, a contar do dia 1.º de Outubro próximo.

As propostas serão formuladas conforme o modelo existente na Secretaria Municipal, e as condições do fornecimento acham-se patentes ao público na mesma Secretaria, em todos os dias úteis, desde as 10 às 16 horas.

E para constar se publica o presente e outros de igual teor nos lugares do costume e estilo.

Guimarães e Secretaria Municipal, 28 de Agosto de 1913. E eu José Maria Gomes Alves, Escrivão da Câmara, o subscrevi.

O presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

VENDE-SE

Um pequeno coupé em estado de novo. Para ver: «Vila Eva» — Loredelo.

Venda de predio

Vende-se a morada de casas em ruínas, situada com o numero 63 na antiga rua de Santa Maria, hoje de Elias Garcia, desta cidade.

Para tratar com o solicitador Jeronimo de Castro, rua da República 128—Guimarães.



Consultório dentário

FRANCISCO JACINTO

Cirurgião dentista pela Universidade de Coimbra

Tratamento e conservação dos dentes, dentaduras artificiais, coroas de ouro e dentes a pivot.

Extracção de dentes sem dor. Praça de D. Afonso Henriques, 6 (antigo Toural).

Urgente

BICICLETAS USADAS

Vendem-se com grande redução de preço 2 bicicletas «DERBY», quasi novas.

Campo do Toural n.º 105—Guimarães.

Fricções mercuriais

Dadas com todo o cuidado pela longa prática que adquiriu em Vizela, encarrega-se

José de Almeida Caldas

Rua Nova do Comércio, 79

Guimarães

Horário dos comboios

Ascendentes

| ESTAÇÕES | * | Rápido | | * Dias úteis | * Diário | * Carreio Diário | * Dias úteis | * Domingos e dias fer. |
|--------------------|----------------|--------|------------|-----------------|-------------|------------------------|-----------------|------------------------------|
| | | Diário | Dias úteis | | | | | |
| Linha de Guimarães | FAFE P. | 3,60 | 7,15 | | 12,28 | 16,05 | | 20,23 |
| | Guimarães C. | 3,53 | 8,08 | | 13,21 | 16,58 | | 21,10 |
| | Vizela P. | 4,01 | 8,16 | 10,49 | 13,29 | 17,07 | 19,57 | 21,30 |
| | Lordelo P. | 4,21 | 8,35 | 11,13 | 13,49 | 17,30 | 20,18 | 21,50 |
| | Negrelos P. | 4,33 | 8,43 | 11,25 | 14,00 | 17,42 | 20,30 | 22,01 |
| | Santo Tirso P. | 4,47 | 8,54 | 11,41 | 14,14 | 17,57 | 20,44 | 22,13 |
| Linha de Minho | Trofa P. | 5,08 | 9,13 | 12,02 | 14,35 | 18,19 | 21,04 | 22,33 |
| | Trofa C. | 5,27 | 9,30 | 12,25 | 14,54 | 18,39 | 21,25 | 22,52 |
| | Valença P. | 3,23 | 6 | 7,55 | 13,20 | 15,25 | 16,40 | 18,50 |
| | Viana P. | 5,21 | 8,10 | 10,25 | 14,28 | 16,57 | 19 | 21,7 |
| | Braga P. | 6,07 | 8,35 | 11,52 | 14,55 | 17,45 | 20,04 | 22,05 |
| | Trofa P. | 7,39 | 9,44 | 12,41 | 15,54 | 18,57 | 21,47 | 23,07 |
| L. da | Trofa C. | 8,56 | 10,30 | 12,22 | 16,39 | 19,56 | 23,08 | 23,56 |
| | Trofa P. | 5,51 | 9,49 | | 15,05 | 19,58 | | |
| | Braga C. | 7,44 | 11,15 | | 15,58 | 21,29 | | |
| | Viana C. | 8,31 | 11,47 | | 16,26 | 22,33 | | |
| | Valença C. | 10,50 | 13,19 | | 17,31 | 0,17 | | |
| | POVOA C. | 8,51 | 13,54 | | 17,20 | 22,10 | | |
| Norte | Porto P. | 8,35 | | | 15,48 | 17,54 | 19,57 | |
| | Lisboa C. | 14,31 | | 1,13 | 23,53 | 0,25 | | |

Descendentes

| ESTAÇÕES | * | Rápido | | * Dias úteis | * Diário | * Carreio Diário | * Dias úteis | * Domingos e dias fer. |
|----------|------------|--------|------------|-----------------|-------------|------------------------|-----------------|------------------------------|
| | | Diário | Dias úteis | | | | | |
| Norte | Lisboa P. | 18,55 | | 21,35 | 21,35 | 8,30 | | |
| | Porto C. | 0,32 | | 7,35 | 7,36 | 14,19 | | |
| L. Minho | Porto P. | 4,30 | 7,26 | 7,44 | 8,43 | 14,18 | 17,10 | 18,44 |
| | Trofa C. | 5,43 | 8,06 | 8,35 | 9,42 | 15,03 | 17,59 | 19,53 |
| | Trofa P. | 5,51 | | 8,36 | 9,46 | 15,05 | 17,52 | 19,58 |
| | Braga C. | 7,44 | 8,56 | 9,50 | 11,15 | 15,58 | 18,58 | 21,29 |
| | Viana C. | 8,31 | | 10,25 | 11,47 | 16,26 | 19,20 | 22,33 |
| | Valença C. | 10,50 | | 13,19 | 17,31 | | 0,17 | |
| L. da | POVOA P. | | | | 8,03 | 13,35 | 16,35 | 16,35 |

* Paragem de 1 minuto em Espinho, Madalena, Covas, Penha e Cepões.
 • Idem em Espinho, Madalena, Covas e Cepões.
 • Idem em Madalena, Covas e Cepões.
 • Idem em Espinho, Madalena e Covas.
 •• Idem em Cepões.
 As designações no xadrez das colunas referem-se aos comboios de Guimarães, exclusivamente. Os comboios da Povoia são diários.
 As comunicações com Lisboa fazem-se em Campanhã.

Livraria editora
GUIMARÃES & C.

Augusto L. da Cunha Guimarães

Colecção Horas de Leitura

Ultimos volumes publicados (a 200 réis):

22. A Dama das Camélias, de Dumas, filho (4.ª ed. ilustrada)—47. História de um belo, de Escrich (2.ª ed.)—73 e 74. A Obra, de Zola—75. Genevieve, de Lamartine—76. Um filho do povo, de Escrich—77 e 78. O crime do padre Meuret, de Zola—79. Casamentos d'algalos, de Feuillet—18. O Resquedo, de Delfim Guimarães (2.ª ed.)—80. Amor Trágico, de Abel Hermant—81. A Religiosa, de Diderot—82 a 84. Ana Karenine, de Tolstol.—85 e 86. A besta humana, de Zola—87. O Pescador d'Islandia, de Loti—88. O Refúgio, de Cesar Pôrto.

A Publicar:

Deus e o diabo, de Karr—Fromon, Jr., de Daudet.

Colecção Sociológica

(Últimos volumes publicados (a 300 réis)

VI. A dor universal, de S. Faure—VII. O amor livre, de Carlos Albert—VIII. O sindicalismo, de H. Leone—IX. A sociedade futura, de J. Grave—X. Palavras dum revoltado, de P. Kropotkine—XI. O capital, de Carlos Marx—XII. Psicologia do militar profissional, de Hamon—XIII. A camião da união livre, de Naquet.

A sair:

Como falava Zarastustra, de Nietzsche—A grande revolução, de Kropotkine.

Colecção Vitor Hugo

Volumes publicados (a 200 rs. brochados e 320 rs. encadernados)

1 e 2. Os homens do mar—3 a 5. O homem que ri—6 a 13. Os miseráveis—14 e 15. Noventa e três—16 a 18—N.ª Sa.ª de Paris.

A sair:

Bug Jargal—Han-d'Islandia.

Colecção Alegre

Ultimos volumes publicados (a 300 réis)

IV. Histórias garotas, de A. Silvestre—V. Amores e aventuras, de Casanova—VI. Diabruras da mãe Eva, de A. Silvestre—VII. Monstros parisienses, de Castel Mendés—VIII e IX. Amores de Fabulas.

Instituto Médico-Dentario

Rua Formosa, 331—PORTO

Dr. Gonçalo de Moura e Lopes da Silva

SUCURSAL EM Guimarães

LARGO DA MISERICÓRDIA, 4

CONSULTAS POR **LOPES DA SILVA** cirurgião-dentista, com 22 anos de prática em Consultórios Dentários da Europa e América Ex-professor de Prothese Dentária do Instituto Dentário de Madrid.

A longa prática é garantida de boa execução de todos os trabalhos, sendo garantidos os seus resultados.

DENTADURAS COMPLETAS

(TRABALHOS AMERICANOS)

DENTADURAS SEM CHAPA

PLATINA E CIMENTO

DENTES A PIVOT

OPERAÇÕES SEM DOR

OBTURAÇÕES A OURO

COROAS DE OURO

LIMPEZA DOS DENTES

OPERAÇÕES SEM DOR

CONSULTAS todas as quartas-feiras, desde as 11 horas às 6 da tarde; e às quintas-feiras, desde as 9 às 4 da tarde.

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamelas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietário,

João Vellozo de Araujo.

Antiga mercearia e Confeitaria

Da Porta da Vila

—DE—

António de Sousa Guise

Especialidade em queijo, vinhos em barril e engarrados, ditos de Provezende, licores genebrás e cognacs nacionais e estrangeiros, conservas, massas de todas as qualidades, doce fino, bolachas nacionais e estrangeiras, fructas secas e caldeadas, arroz, açúcar, bacalhau, chocolate, etc. Depósito de vinhos da Companhia Vinicola.

Manteiga especial da Praia de Aneora

24, Rua da República, 28—GUIMARÃES

Sortiido variado em bolacha inglesa—Café puro especial. Sortiido completo em farinhas—Chá fino, preto e verde.

Depositário das águas e refrigerantes do SAMEIRO

A PRODUTORA VIMARANENSE

Sociedade Cooperativa das Quatro Artes de Construção Civil—Responsabilidade Limitada

Rua 31 de Janeiro—GUIMARÃES

Esta sociedade operária encarrega-se da execução de quaisquer trabalhos concernentes às artes de pedreiro, carpinteiro, caiador e pintor, para os quais dispõe de pessoal habilitadíssimo, como na prática se há demonstrado, resultando desta circunstância e da seriedade nos diversos trabalhos, grande economia para os Srs. proprietários das obras, atendendo às vantagens de que gosam as Sociedades Cooperativas.

Na sua oficina executam-se quaisquer trabalhos avulsos e a preços módicos.

Interesses no Brazil

O Escritório de Direito Internacional, à rua do Hospício n.º 79—Rio de Janeiro—, dirigido pelo dr. Carmo Braga, formado pela Universidade de Coimbra, com longa prática

de advocacia em Portugal e no Brazil, advogado do Banco Aliança do Pôrto, da Beneficência Portuguesa e da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, trata especialmente de todas as questões relativas a Direitos e interesses de portugueses no Brazil, inventários, habilitações, partilhas, execução de testamentos, providências para evitar a arrecadação judicial de bens e heranças de ausentes, etc. Também aceita procurações para administração de bens no Rio de Janeiro, cobrança de alugueis, rendas, juros dividendos, compra, venda e hipoteca de prédios, averbamento de papéis de crédito, transferências, etc.

Escritório Filial no Pôrto, dirigido pelo solicitador sr. João Fernandes Amaral,—rua da Fábrica, 78. Para referências em Guimarães—com os srs. Fernandes & Cruz, e com os advogados drs. António do Amaral e João Rocha dos Santos.

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura

Preço das publicações

| | | | |
|-------------------------------------|------------|--|--------|
| Ano | 1\$200 rs. | Anuncios e comunicados, por linha | 40 rs. |
| Semestre | 600 " | Repetição, por linha | 20 " |
| Brazil, ano (moeda forte) | 2\$500 " | Permanentes, contracto convencional. | |
| Número avulso | 30 " | Anuncios, não judiciaes, para os srs. assinantes 25 % de abatimento. | |

ALVORADA

Do Cidadão